Revista InterCulturas
Vol. 1, n. 2, 2024 – E-location ID: e74602

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

(Multi)letramentos, enunciado aderente no *ChatGPt:* um ato responsável

Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira[1]
Prof. Dr. Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira: Doutora e mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015), com MBA em Gestão e Inovação em EaD pela USP (2015) e Especialização em Linguística Forense pela Universidade do Porto (2019) e graduação em Letras - Português/Espanhol pela Universidade de São Paulo (1997). Líder do Grupo de Pesquisa Discurso Cultura e Ensino (DICE) e do GELF (Grupo de Estudos em Linguística Forense). Criadora e organizadora do Grupo de Divulgação Científica DICE em Rede composto por diferentes Instituições nacionais e internacionais. Participa do grupo de pesquisa da PUC/SP: Memória e Cultura na Língua Portuguesa escrita no Brasil e Discurso e Cultura (DISCULT) sob a liderança do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.
https://orcid.org/0000-0001-7167-7666

Carolina Lobo[2]
Carolina Lobo é mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e possui especialização em Libras e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. É formada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como professora de ensino básico na rede Sesi e no Colégio WRJ. Pesquisa temas relacionados à linguística e multiletramentos.
https://orcid.org/0009-0007-9584-962X

Data de recebimento: 02 de jul. de 2025.
Data de aceite: 04 de jul. de 2025.

Como citar este artigo: LEE, H. LEE, H. J. Multi)letramentos, enunciado aderente no ChatGPt: um ato responsável. *Revista InterCulturas*, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. e74602, set. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17251994

Resumo
O artigo apresenta uma primeira análise de dados de um estudo inicial empreendido pelo grupo de estudos DICE (Discurso, Cultura e Ensino) no que concerne ao discurso digital e ao uso de Inteligência Artificial no ensino tendo como principal objeto de análise o ChatGPT. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar os atos de linguagem e ações dos sujeitos no uso dessa IA para verificar as estratégias de letramentos dos usuários, o nível de letramento e os atos de linguagem *o corpus* foi constituído a partir de um questionário/entrevista via *whatsapp* a alunos de graduação de uma universidade pública e professores da rede pública do centro-oeste. A análise pauta-se nas concepções de ato responsável de linguagem (Bakhtin, 2010), enunciado aderente (Maingueneau, 2025), Multiletramentos (Rojo, 2017) e Street (2014). Os resultados apontam para a necessidade de estudos mais específicos e demonstram que o nível de letramento interfere tanto na forma de composição dos comandos (*prompts)* e textos quanto na forma como os sujeitos interagem com o meio social na relação humanidade x uso da máquina.
Palavras-Chave: Letramento, Enunciados, Inteligência, Ato, CHATGPT.

Abstract
The article presents a preliminary analysis of data from an initial study carried out by the DICE (Discourse, Culture and Teaching) study group regarding digital discourse and the use of Artificial Intelligence in education, primarily focusing on ChatGPT. This is a qualitative research with the objective of analyzing the language acts and actions of individuals using this AI to examine the literacy strategies of users, the level of

[1] Endereço eletrônico: rosangela.carreira@ufg.br
[2] Endereço eletrônico: carolina_lobo@discente.ufg.br

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

literacy, and the language acts. The corpus was constituted from a questionnaire/interview via WhatsApp with undergraduate students from a public university and teachers from the public network in the Midwest. The analysis is based on the concepts of responsible language act (Bakhtin, 2010), adherent utterance (Maingueneau, 2025), Multiliteracies (Rojo, 2017), and Street (2014). The results indicate the need for more specific studies and demonstrate that the level of literacy influences both the way commands (prompts) and texts are composed, as well as the way individuals interact with the social environment in the relationship between humanity and the use of machines.
Keywords: Letramento, Enunciado, Inteligencia, Acto, CHATGPT.

Resumen
El artículo presenta un primer análisis de datos de un estudio inicial realizado por el grupo de estudios DICE-UFG (Discurso, Cultura y Enseñanza) en lo que respecta al discurso digital y al uso de Inteligencia Artificial en la enseñanza, teniendo em cuenta cómo principal objeto de análisis el ChatGPT. Se trata de una investigación cualitativa con el objetivo de analizar los actos de lenguaje y acciones de los sujetos en el uso de esta IA para verificar las estrategias de letramiento de los usuarios, el nivel de letramiento y los actos de lenguaje. El corpus se constituyó a partir de un cuestionario/entrevista vía whatsapp a estudiantes de grado de una universidad pública y profesores de la red pública del centro-oeste. El análisis se basa en las concepciones de acto responsable de lenguaje (Bakhtin, 2010), enunciado adherente (Maingueneau, 2025), Multiletramientos (Rojo, 2017; Street, 2014). Los resultados apuntan a la necesidad de estudios más específicos y demuestran que el nivel de letramiento interfiere tanto en la forma de composición de los comandos (prompts) y textos como en la forma en que los sujetos interactúan con el medio social en lo de la relación humanidad x uso de la máquina.
Keywords: Alfabetización, Declaraciones, Inteligencia, Actuar, CHATGPT.

Considerações Iniciais

A Inteligência Artificial está em *chatbots,* em imagens e áudios criados de diferentes complexidades, está nos painéis de trânsito, nos atendimentos virtuais e nas ferramentas de tradução e criação de gêneros do discurso diversos, até assumindo lugares perigosos de diálogo com seres humanos, como em casos em que as utilizam para consultas médicas e terapias, este artigo, no entanto, surge como uma provocação de discussões sobre o tema e como resposta a algumas inquietações das pesquisadoras. Se por um lado, a sociedade vem sendo tragada e consumida por usos inadequados das tecnologias e presenciamos ações que são verdadeiros estelionatos epistemológicos, por exemplo, quando são usadas para elaboração de gêneros acadêmicos na íntegra, por outro, seria hipocrisia negar sua presença como ferramenta auxiliar de fato em muitas atividades humanas como no levantamento de dados para elaboração de gráficos e tabelas, relatórios e sínteses de procedimentos entre outras. Assim, cabe questionar seu uso nesses diferentes âmbitos para avaliar seu uso legal e ilegal e todas

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

as questões éticas que a envolvem. No âmbito do ensino, instância escolhida para este artigo, cabe perguntar: Em que medida a mera proibição do uso de IA's fomenta ainda mais seu uso? Será a proibição o melhor caminho? Quais são as estratégias usadas por estudantes como leitores e escritores apoiados pelas IA's? Professores as utilizam? Como? Quais os efeitos do uso? São inúmeros os questionamentos ainda em processamento que não temos a pretensão de responder em um único artigo.

Trata-se de um primeiro movimento para estudo e reflexão sobre uso de IA no ensino. ao uso do *ChatGPT* e sua utilização no universo educacional, delimitado ao Ensino Superior e ao uso por professores. Partimos, nessa pesquisa, do princípio que negá-la ou rechaça-la não é o caminho e assumimos que precisamos desvendá-las, investigá-las e compreendê-las para trazê-las para debates, discussões e aulas de forma crítica, ética e eficaz, pois seu uso levanta questões de diferentes ordens: sociais, culturais, linguísticas, éticas e outras.

Concebendo a linguagem a partir de sua característica enunciativa, concebemos a intersubjetividade e as ações dos sujeitos, a partir dos estudos de Bakhtin (2010) no que diz respeito aos *atos responsáveis* e *atitudes responsivas* e Maingueneau (2025) a *enunciados aderentes*; trazendo à baila também a questão dos *(multi)letramentos digitais* de Rojo (2017) e Street (2008) . Desse modo, apresenta os resultados parciais de estudos ainda iniciais sobre IA para futuramente pensar em sua aplicação no ensino em perspectiva linguístico-discursiva de forma crítica e talvez mais consciente.

Para isso, nos detivemos, em particular, no processo de utilização do *ChatGPT* nas questões que envolvem a forma como os usuários "interagem" dentro desse espaço digital delimitando nosso olhar *nos letramentos digitais*, nos *enunciados aderentes* construídos por esses usuários, nas ações responsivas e responsáveis desses (co)enunciadores nesse *lugar digital do dizer*.

Na primeira parte, apresentamos a historicidade das IA's, em seguida, fundamentamos os conceitos de *(multi)letramentos, enunciados*, *enunciado aderente* e *agir-ato*, a partir dos estudiosos anteriormente citados, para nas duas últimas seções analisar o corpus constituído, a partir de questionários/entrevistas feitos por *whatsapp*

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

a alunos de Ensino Superior de uma universidade pública e professores da rede pública de ensino do Centro-oeste do Brasil, e apresentamos os resultados, por meio de uma perspectiva metodológica qualitativa com base na Análise do Discurso.

1. Inteligência Artificial, *Chatbot* e GPT: condições de produção e historicidade

A Inteligência Artificial (IA) esta transformando a maneira como as pessoas interagem com a tecnologia digital e, consequentemente, com o mundo, possibilitando interações entre humanos e máquinas que antes eram consideradas utópicos. Isso porque, com a utilização dos recursos oferecidos pela IA, diversos processos dinamizados têm sido desenvolvidos na sociedade seja na comunicação, no âmbito profissional ou mesmo na educação. Esse advento pode ser comparado à Revolução Industrial, por se configurar em um novo momento de transformação nas relações de trabalho, na produção de bens de consumo e na vida em geral, fato que possivelmente também levará a absorção de muitas áreas de trabalho, crises e avanços econômicos, bem como grandes dicotomias humanas, inclusive, pela própria concepção de "conversa".

Dentre as inovações mais evidentes da IA, destacam-se os *chatbots* (ou *chatterbots*), que se configuram, segundo Júnior & Carvalho (2018), como sistema automatizado de conversação desenvolvido para "representar" um diálogo humano. De acordo com Lobo e Carreira (2024, p. 126), "esse tipo de software faz parte do campo de processamento de linguagem natural (PLN), uma vertente da inteligência artificial, que pode desenvolver um tipo de linguagem automatizada ou até mesmo personalizada". Segundo as autoras (2024, p.126-7.),

> os sistemas de *chatbots* funcionam de maneira automatizada, com mensagens preestabelecidas, a fim de responder perguntas a partir de palavras-chave ou de frases objetivas. Esses tipos de *software* funcionam como um/uma assistente virtual programada para atender às necessidades da empresa prestadora de serviço, com o objetivo de otimizar tempo e custo. Os *chatbots* podem ser divididos em dois grupos gerais, um que pré-configura o *bot* para dar respostas aos seus usuários, e outro que utiliza a Inteligência Artificial como forma de

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> aprimoramento da língua, buscando em bancos de dados as informações pertinentes à conversação com o seu usuário.

Essa divisão, destacada pelas pesquisadoras, salienta certa evolução tecnológica dos *chatbots*, permitindo que tanto soluções simples quanto sistemas mais sofisticados, baseados em IA, sejam utilizadas para atender demandas específicas de seus usuários, promovendo interações mais complexas entre máquina e humano.

De acordo com Júnior & Carvalho (2018), o primeiro *chatbot* foi criado por Joseph Weizenbaum, na década de 60, e teve como modelo da primeira geração o *software ELIZA*, o qual, inicialmente, desenvolvia funções limitadas de conversação, mas que, naquele momento, revolucionava a forma como as pessoas interagiam – e até hoje interagem – com as máquinas. Com o aperfeiçoamento desses sistemas, outros *chatbots* foram desenvolvidos, com mais funções, a exemplo do "A.L.I.C.E (*Artificial Linguistic Internet Computer Entity*), conhecido também como *Alice bot*" (Lobo e Carreira, 2024, p.126), o qual ampliou significativamente recursos e informações para uma comunicação mais eficiente – comparado aos modelos anteriores.

Atualmente, em uma sociedade amplamente conectada, os *chatbots* têm ganhado cada vez mais evidência, uma vez que tais programas têm se consolidado como ferramentas essenciais em diversos campos da vida cotidiana, com o objetivo de simplificar processos e dinamizá-los. Embora esse sistema computacional tenha se estabelecido como um mediador de serviços, outros modelos têm tomado o cenário mundial, oferecendo, diferentemente dos anteriores, um tipo de "conversação espontânea", como o *ChatGPT*, por exemplo. Conforme apresenta Lima (2023, p. 2)

> o ChatGPT é um "chatbot" de Inteligência Artificial (IA) desenvolvido pela OpenAI, baseado na arquitetura GPT (*Generative Pre-trained Transformer*), e como o nome indica, é uma plataforma de conversação. Embora seja uma versão gratuita, o GPT-3.5 oferece uma ampla variedade de recursos para processamento de linguagem natural, incluindo **a capacidade de gerar texto, completar frases, traduzir idiomas, responder perguntas, criar tabelas com o conteúdo solicitado e até mesmo reescrever frases**. Esses recursos são projetados para ajudar os usuários a realizar várias tarefas linguísticas de maneira mais eficiente e eficaz. [Grifo das autoras]

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Essa IA, por abranger diversos recursos e ainda apresentar a opção de versão gratuita, conseguiu, em pouco tempo, obter um número recorde de cadastros. Em 2022, após o seu lançamento, ela alcançou cerca de 100 milhões de usuários em dois meses (Cassol, 2023). Tal façanha se deu pelo fato do *chatbot* realizar, de maneira rápida, múltiplas atividades linguísticas que eram consideradas exclusivas dos seres humanos (Lima, 2023). Por essa ótica, por se tratar de um recurso abrangente e de respostas rápidas, o *ChatGPT* tem atraído a atenção de jovens e adultos que procuram saídas imediatas para resoluções de problemas ou que são os considerados *multitaskes*.

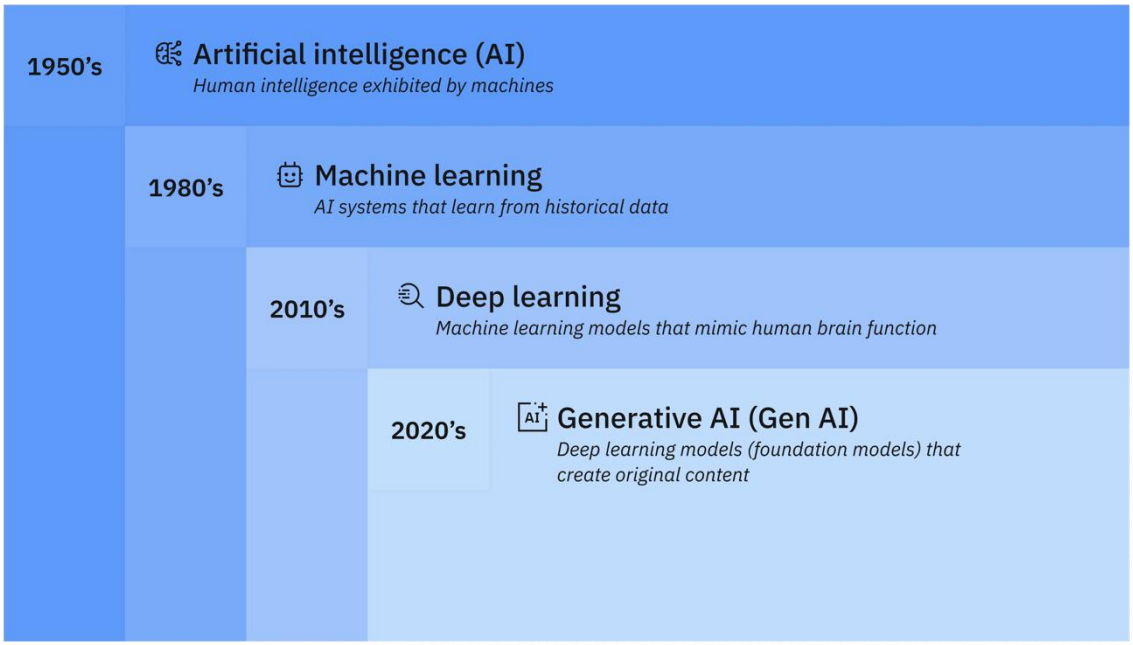
Compreende-se, dessa forma, que a Inteligência Artificial, especialmente por meio de ferramentas como o *ChatGPT,* representa um marco significativo da era digital. Ao integrar funções consideradas exclusivas da mente humana, tem aberto caminhos para reflexões e debates sobre o seu papel na sociedade. Assim, o constante aprimoramento dessas máquinas reforça o seu potencial ilimitado de promover dinamicidade nos diversos campos da vida cotidiana.

Estudar o comportamento linguístico dos usuários, como sujeitos interagentes, e os enunciados gerados por esse tipo de IA significa compreender o discurso digital em camadas amplas que incluem a consciência de algoritmos participantes, pois, se antes estudávamos discursos e gêneros digitais em suas características hipertextuais, iconográficas, semióticas, entre outras características, considerando os sujeitos da enunciação a partir do contexto de produção, a situação comunicativa e as condições de produção com foco nos aspectos sócio-culturais por meio de conhecimentos da Humanidade, agora, as primeiras questões que levantamos e ainda não temos a pretensão de responder são: como considerar a participação da linguagem Matemática nessa análise? Será possível desconsiderá-la? Se por um lado, entendemos que tudo dependerá da delimitação dos *corpora*, por outro, permanece o questionamento: em que medida a desconsideração da mediação da máquina pode interferir nos resultados? O algoritmo utilizado deve ser considerado no processo de interação? Questionamentos pertinentes que ainda serão muito explorados seguramente.

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Diante disso, parece importante saber que esse tipo de Inteligência Generativa compõe um conjunto de estudos e conceitos desenvolvidos no século XX, conforme demonstram Kavlakoglu e Stryker (2025), "[u]ma maneira simples de pensar sobre a IA é como uma série de conceitos aninhados ou derivados que surgiram ao longo de mais de 70 anos"(s/n)[3]:

Quadro I – Conceitos derivados de IA (IBM)



Adaptado de Kavlakoglu e Stryker. Disponível em: https://www.ibm.com/think/topics/artificial-intelligence. Acesso em: 30 maio 2025.

Há muitos modelos de *machine learning* e algoritmos responsáveis pela composição de uma IA generativa, talvez compreender essas camadas ajude a compreender e utilizar cada vez melhor essa ferramenta e seus usos na sociedade, no entanto, não é esse nosso objetivo nesse artigo, entretanto, no universo de estudos linguísticos, de certo modo, em diferentes vertentes de pesquisa, também já há essa preocupação desde século XX.

Maingueneau (2013) em seu artigo sobre gêneros digitais "Genres de discours et web: existe-t-il des genres web?" já se preocupava com *discurso digital* apresentado em

[3] Tradução das autoras

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

suas análises e discussões, bem como, hipóteses de pesquisa por meio da definição de *cenografias midiáticas*, divididas pelo autor em dois níveis, a saber, *verbal* e *digital* com destaque para características específicas em três dimensões: "iconotextual, arquitetural e procedimental" (pp. 80-1), categorias essas que são resgatadas nos estudos de Paveau (2021) também sobre *discurso digital* ampliando e trazendo inúmeras categorias de análise para o que a autora chama t*ecnogêneros de discurso* e assumindo em seus estudos que os algoritmos devem ser integrados à análise do discurso digital. Partimos desse princípio para nossa análise, ainda que não seja objetivo neste momento a análise dos algoritmos, esta análise considera sua presença como precípua. Como observam Kavlakoglu e Stryker (2025, s/n)

> [e]xistem muitos tipos de técnicas ou algoritmos de *machine learning*, incluindo regressão linear, regressão logística, árvores de decisão, floresta aleatória, máquinas de vetor de suporte (MVS), *k-nearest neighbor* (k-NN), agrupamento e mais. Cada uma dessas abordagens é adequada para diferentes tipos de problemas e dados. [4]

Assim, a presença óbvia da linguagem Matemática, considerada como pré-existente ou desconsiderada em muitas análises anteriores, possivelmente, não possa mais ser preterida em estudos que envolvam IA. Será que precisaremos considerar os aspectos Matemáticos em profundidade para entendermos as ações da máquina como um mediador enunciado ou como um (co)enunciador?

Também não temos ainda essa resposta, mas de antemão intuímos que os sujeitos ao interagirem precisam se responsabilizar não somente pelo dito, mas pelo ato de dizer para que o resultado final, ao menos, seja feito de forma ética. Será que o universo educacional está preparado para olhar para essa problemática em prol dos (multi)letramentos? Como será que os sujeitos estão utilizando essas IA's para sua produção? Essa última questão é a que norteará as próximas seções, pensando a interação com certo nível de análise crítica entre máquinas e humanos.

[4] Tradução feita pelas autoras. A expressão *k-nearest neighbor* foi mantida, pois em consulta a profissionais de programação obtivemos a informação que o algoritmo é conhecido tecnicamente no Brasil como K-nn,

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

2. Ato responsável e múltiplos letramentos no uso do chat gpt

A partir das condições sócio-históricas expostas na seção anterior, é possível pensar que não adianta rechaçar a IA como ferramenta digital de uso social disponível a todos. De certo modo, o estranhamento de sua utilização no processo de ensino de leitura e escrita é natural, uma vez que se trata de algo que, aparentemente, subverte a autoria e desqualifica a presença de um sujeito-aprendente de um processo crítico de leitura e escrita.

No entanto, ao invés de desprezá-la, entendemos que é preciso compreender as estratégias de letramento necessárias para o uso adequado da ferramenta e trazê-la para sala de aula e não apenas negá-la, pois isso significaria ignorar o lugar já instaurado dessa ferramenta que se constitui, em certa medida, em um espaço de dizer a ser compreendido e explorado. Como primeiro movimento de compreensão e reflexão sobre seu uso, resolvemos analisar o *ChatGPT*, a partir das concepções de *ato de linguagem* advindas de Bakhtin (2010) ; *letramentos* de Street (2008) e Rojo (2017); e *discurso digital* de Paveau (2021), pois entendemos que essas categorias estão intimamente relacionadas, como diz Bakhtin (2010, p. 80):

> [h]istoricamente, a linguagem desenvolveu-se a serviço do pensamento participante e do ato, e somente nos tempos recentes de sua história começou a servir o pensamento abstrato. A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo- sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena e única pode ser responsavelmente significativa: pode ser a verdade (*pravda),* e não somente qualquer coisa de subjetivo e fortuito. Não é necessário, obviamente, supervalorizar o poder da linguagem: o existir- evento irrepetível e singular e o ato de que participa são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato se trata de uma tarefa muito difícil, e uma plena adequação está fora do alcance, mesmo que ela permaneça sempre como um fim.

A linguagem e tudo que a envolve na situação comunicativa, dá-se no ato, ou seja, no processo de enunciação em que o "conteúdo-sentido" concorre e/ou soma-se a

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

outros elementos para formar efeitos de sentido irrepetíveis. Entendemos que esse conteúdo, no espaço digital, vai depender dos níveis de letramento dos sujeitos e da maneira como esses enunciadores interagem com o espaço do dizer, o que não os exime da responsabilidade por seus atos.

2.1 Enunciação e ato responsável

Pensamos nos sujeitos em interação com/no *ChatGPT* como enunciadores e co-enunciadores no ato de produção de um gênero do discurso por meio da IA e entendemos esse ato como um ato de linguagem que implica entender que

> [o] ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral). (Bakhtin, 2010, p.39)

Assim, a necessidade social que levou a esse uso, seja ela qual for, não exime o sujeito da responsabilidade de seu ato, como explica Bakhtin (2010) todo ato pressupõe um dever a respeito do dizer e sua validação e ao lado de todo dever seja estético, científico ou qualquer outro está o dever ético que é o que faz do ato, um enunciado singular e responsável. "O dever é uma categoria original do *agir-ato* [*postuplenie-postupok*] (e tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento), é uma certa atitude [*ustanovka*] da consciência (...)" (Bakhtin, 2010, p.43). Nesse sentido*, o agir-ato* é um fenômeno, cujo

> conteúdo-sentido que foi abstraído da ação- ato pode ser integrado a um certo existir aberto e único, mas, naturalmente, não é aquele existir único em que cada um de nós vive e morre, em que se desenrola o ato responsável de cada um: tal existir é, por princípio, estranho à viva historicidade. (Bakhtin, 2010, p. 47)

Esse ato estranho à historicidade se dá no processo de enunciação e, por carregar em si a responsabilidade do dizer é, ao mesmo tempo, legitimador e legitimado na *ação-ato*, cujos efeitos de sentido são decorrentes da ação de enunciadores, por isso se trata-

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

se de categoria relevante para primeira análise e reflexão acerca de ferramentas textuais que produzem textos com o uso de IA em particular o *ChatGPT.*

Nessa dinâmica de compreensão do ato de linguagem no uso de IA, significativo é perceber que entre o ato e o conteúdo-sentido coexistem outros elementos que contribuem para que o discurso seja assumido nessa instância como um ato propriamente dito com finalidades sociais adequadas às necessidades dos sujeitos. E isso se dá tanto de forma endógena quanto exógena, considerando que a instância enunciativa apresentará o contexto, o cotexto, o gênero do discurso a ser construído, o tema, os (inter)discursos, os objetivos dos enunciadores ao utilizarem essas ferramentas etc.

Assumindo a presença dessas diferentes camadas categóricas a serem analisadas e delimitando ao espaço necessário a um artigo científico, a seguir nos deteremos em duas outras categorias importantes para nossa análise as concepções de (muti)letramentos digitais.

3. (Multi)letramentos digitais

A escola e a academia quase que unanimemente tem tendência a criticar e recusar o uso de tecnologias novas que possam fraudar resultados e/ou autorias, e desconfiar e criticar de forma extrema as ferramentas novas que vão surgindo.

Quando surgiram no universo cibernético os primeiros blogs e vídeos com resenhas de livros, muitos professores proclamavam o fim da leitura de livros inteiros, do mesmo modo, com o surgimento de *tablets* e livros digitais, ainda temos as profecias que sinalizam o fim do livro como algo arcaico, contudo, isso ainda não ocorreu. As críticas não diminuíram “os avanços” e algumas poucas instituições foram buscando saídas pedagógicas para essa “concorrência” digital. No entanto, ainda em pleno século XXI, percebemos pensamentos cristalizados e arcaicos que resistem às mudanças, cultuando, direta ou indiretamente, um tradicionalismo que já não inclui as novas gerações e nem mesmo incluem os sujeitos que apregoam esse tipo de postura, uma vez que todo

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

cidadão de diferentes classes sociais tem um celular e algum acesso à internet ou faz uso de tecnologias trajáveis (relógios, óculos e outros). Com o surgimento das IA's não seria diferente, observamos o movimento de crítica e receio, antecedendo à compreensão e sua utilização em meios acadêmicos, porém, essa tecnologia é muito mais voraz e, em alguns casos, algumas instituições começam a utilizá-las com o intuito de controlar e até substituir o trabalho do professor. [5]

Diante do exposto, compreender que todos nós estamos em diferentes níveis de letramento contribui para a compreensão, inclusive, dessas críticas, como observa Rojo (2017, p. 7) citando Chartier (1997),

> a cultura digital põe por terra todo edifício de práticas letradas cultuadas e perpetradas pela escola. Nela, o leitor não é mais reverente ao texto, concentrado e disciplinado, mas disperso, plano, navegador errante; não é mais receptor ou destinatário sem possibilidade de resposta, mas comenta, curte, redistribui, remixa.

A autora enfatiza ainda que os limites entre leitura e autoria se desvanecem surgindo aquilo que ela chamou de "lautor" em trabalho anterior ou de "produsuário" como classifica Burns (2009) citado por Rojo (2017). Assim, concebemos que para compreender e incorporar essa ideia a novas práticas é importante compreender que, quando falamos de discurso e espaços digitais, estamos falando de multiletramentos e "multi-práticas discursivas" para compreendermos o ato de linguagem desses diferentes enunciadores/lautores/produsuários.

Para chegar a essa concepção relacionada a multiletramentos no universo digital, compreendemos "letramento" a partir de Street (2014) que considera o processo de letramento contínuo e interacional, através das práticas e eventos cotidianos. Assim, é nas práticas discursivas (processos interacionais) que se consolidam práticas de letramento que possibilitam o desenvolvimento de aspectos críticos da leitura e da escrita dos sujeitos ideologicamente demarcados, como o próprio Street (1993 [2014])

[5] Muitos municípios brasileiros vêm implementando IA's para correção de redações e controle da utilização do material digital disponibilizado. Essa é uma importante discussão, embora não seja também nosso objetivo agora, mas também reforça a necessidade de formação e domínio da ferramenta.

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

admite em seu artigo "Autonomous and ideological models of literacy: approaches of New Literacy Studies" algumas noções sobre discurso, advindas da Análise Crítica do Discurso, da noção de dialogismo bakhtiniana e outras concepções se articulam com a noção de atividades de letramentos pesquisadas pelos grupo de Estudo dos Novos Letramentos.

Dito isso, é na compreensão desses processos enunciativos que está o norte para a compreensão dos atos de linguagem no uso de ferramentas digitais, pois os usuários, ora chamados lautores/produsuários apresentam diferentes níveis de letramento e advém de diferentes ambientes institucionalizados, ou não. Para Street (XX), há pelo menos dois tipos de letramentos aos quais os sujeitos podem ou não ser expostos: o autônomo, em que os sujeitos são ensinados do mesmo modo, desconsiderando diferenças ideológicas, sociais, geográficas e outras; e o ideológico, que considera a diversidade entre os sujeitos para levar a leitura e escrita críticas.

Assim, os sujeitos que fazem uso de ferramentas como o *ChatGPT* têm o ato de linguagem mediado pela IA e suas ações são atravessadas por suas experiências de letramento dentro e fora dos ambientes digitais, utilizando de forma mais ou menos ética ou crítica de acordo com os letramentos que apresente para cada situação comunicativa. Os enunciados presentes nos comandos (*prompts)* são obedecidos e, dependendo do nível de letramento e da forma como usuário utiliza a IA aderem ao que foi solicitado. Maingueneau (2025, p. 29) define enunciado aderente como:

> podemos caracterizar os enunciados aderentes (EA) como enunciados escritos, contíguos a um suporte não verbal ao qual estão apropriados. A noção de suporte pode ser entendida de diversas maneiras. Aqui, ela adquire um valor particular: não se trata de um meio, mas de um ser que possui uma existência autônoma, independente do enunciado que está nele inscrito. Esse suporte pode ser um objeto (uma xícara, uma casa, uma escultura...), um humano, mas também um animal, uma planta, até mesmo um lugar (uma sala, uma rua). Refiro-me a enunciados contíguos a um suporte, e não a enunciados inscritos em um suporte, porque a aderência, dependendo da forma como a conexão física é estabelecida, pode se manifestar de três maneiras.

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A maioria nas práticas multi-discursivas de utilização da IA, ao inscrever seus enunciados, não o faz como enunciado aderente, entretanto, quando o usuário utiliza o *ChatGPT* como um auxiliar na construção do texto, supomos que seus enunciados iniciais aderem aos enunciados produzidos pela máquina. Para pensarmos nessas características dos estudos recentes do autor, cabe salientar que ele diz o seguinte sobre os enunciados aderentes (EA):

> (1) [o] EA está em contato com o suporte; esta é a situação mais recorrente, e precisamente a que nos interessa neste capítulo.
> (2) [o] EA está inscrito num objeto próximo do suporte: é o caso, por exemplo, de uma etiqueta colocada ao lado de um quadro num museu. Percebem-se ali dois objetos: os signos estão inscritos num papel inserido num retângulo de plástico transparente, o qual, por sua vez, está próximo do suporte – neste caso, o quadro.
> (3) [o] EA é englobado pelo seu suporte; é o caso, por exemplo, de uma placa para turistas como "Paisagem de montanha alta" à beira de uma rodovia que atravessa uma região montanhosa. (Maingueneau, 2025, p.29)

Se pensarmos no usuário que se apropria dos enunciados construídos pela IA ou os utiliza para dar seguimento, incorporando-os nos gêneros solicitados, temos a hipótese que a característica (3) se aproxima parcialmente do que ocorre, com a diferença que, na sociedade atual, que nega o uso da IA, há o desaparecimento do suporte inicial e esses gêneros e enunciados aderem a outras situações comunicativas maquiando, sublimando o suporte e apagando autorias.

Ao serem verificados os processos enunciativos, ainda que em nossa análise, não estejamos considerando todos efeitos de sentido de enunciados gerados por enunciadores e coenunciadores como conteúdo-sentido do agir-ato (Bakhtin, 2010) no uso efetivo da IA, não podemos desconsiderar que essas interfaces fazem parte do processo que vai gerar o produto linguístico em determinadas condições de produção, conforme demonstramos no quadro abaixo:

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Quadro 2 – Resumo de interfaces de produção do agir-ato		
Lautores/produsuários (enunciadores/coenunciadores)	Comandos (Prompts) Atos de linguagem Responsabilidade enunciativa Agir-ato	Materialidade linguística Gênero do discurso produto do ato (conteúdo-sentido) + enunciados aderentes
Lautores/produsuários (enunciadores/coenunciadores) Letramento autônomo x ideológico x Multiletramentos	Atos de linguagem Estratégias de letramento Ética Ações sobre o outro mediadas	(conteúdo-sentido) Letramento autônomo x ideológico x Multiletramentos+ enunciados aderentes

Fonte: Autoria nossa

4. GPT e ensino: análise e primeiras reflexões

4.1 Metodologia e constituição do *corpus*

A constituição do *corpus* foi feita considerando que a pesquisa é qualitativa de cunho também interpretativista, termo advindo de Bortoni-Ricardo (2008) que considera que esse tipo de pesquisa busca compreender, investigar e interpretar fenômenos sociais, que em nosso caso estão inseridos em uma situação comunicativa digital com uso de IA. Tal pespectiva se dá pautada por meio da Análise do Discurso nos conceitos de letramento anteriormente expostos associados às pesquisas bibliográficas sobre *Chatbot* e IA. Para Creswell (2007), a pesquisa qualitativa tem base na realidade construída por indivíduos, interagindo com seus membros sociais, pois "a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa." (Creswell, 2007, p. 186).

Para atingirmos a constituição do *corpus* de análise, na primeira etapa, fizemos uso de um questionário semiestruturado (Quadro III) com respostas abertas aplicadas em grupos de *whatsapp* formados por estudantes do Ensino Superior de uma universidade pública brasileira e professoras da rede pública de ensino para que pudéssemos entender como esses elementos expostos no quadro I da seção anterior

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

intervém, ou não, no ato de linguagem, no conteúdo-sentido e no agir-ato (Bakhtin, 2010) que será estudado em outra etapa da pesquisa.

Quadro III - Perguntas norteadoras
1. Você já usou o GPT? Se sim, por quê? 2. Como foi? Quais foram suas estratégias? 3. [Pergunta extra por conta da resposta: [E você conseguiu identificar todos?] 4. Na seção a seguir, analisamos recortes de respostas obtidas para aplicação dos conceitos e compreensão das estratégias do ato, partindo do pressuposto que todas elas são responsáveis.

As respostas estão transcritas *in verbi* e são analisadas em seus aspectos discursivos separadas em: (A) para alunos e (P) para professores para preservar as identidades dos informantes. Em razão do espaço dedicado a um artigo científico, foram feitos 5 recortes de respostas, a partir dos seguintes critérios/protocolos:

1. respostas completas com descrições dos atos discursivos de forma clara e pertinente a situação;
2. níveis de estratégias de letramento na relação teoria x prática;
3. relação entre lugares do dizer e lugares sociais.

Na segunda etapa, fizemos um teste no *ChatGPT* para conferir um dado apresentado nas respostas de um dos informantes.

4.2. Resultados e reflexões: o aluno-enunciador-pesquisador e suas estratégias

Informante - A I – 28 anos – aluna formanda em Graduação em Letras Português – nome fictício ?

[Sim. A primeira experiência me deixou um pouco assustada pela rapidez das respostas. As vezes que utilizei o GPT foi para me dar insights, por exemplo: me ajuda a ter ideias de posts no instagram para uma loja de roupas. E aí ele te dá uma série de ideias. Não confio na ferramenta para ser utilizada como apoio na academia pq as respostas são sempre muito rasas e a I.A mente (aprendeu com nós, haha). Cria referências que não existe, troca nomes de autores importantes e tenta sempre dar respostas muito simples para coisas complexas. Eu costumo brincar muito de mexer no GPT pra saber até onde ele vai...]
[eu sempre tento escrever da maneira mas direta possível usando palavras chaves. Por exemplo, nas vezes que usei pra marketing digital, quando não gosto da "voz" que ele utiliza peço para deixsr o texto mais descontraído, com um tom de proximidade da cliente

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

se pedir muita coisa de uma vez ela se confunde
mas não sei né depende do que se pede
eu utilizei mais para posts de *instagram* de uma cliente
e brincando aleatoriamente
uma outra coisa que reparei é que ela costuma em textos grandes sempre repetir q mesma coisa usa palavras rebuscadas mas no final tá falando exatamente a mesma coisa]

Percebemos que A1 assume a responsabilidade pelo agir-ato (Bakhtin, 2010), como lautora e como produsuária (Burns, 2009 citado por Rojo, 2017), porque diz "utilizei o GPT foi para me dar i*nsights*", assim, enunciadoras/coenunciadoras geradas no ato aceitam a atitude (Bakhtin, 2010) da IA como falha porque "mente" e seu letramento digital já demonstra que ela intui que essa Inteligência Gerativa aprende a aumenta seu banco com a interação humana (Kavlakoglu e Stryker, 2025) em "aprende com nós". Utiliza a IA para o gênero *post* do *Instagram*, nesse sentido, o enunciado criado pela IA nas "brincadeiras" adere aos comandos dados, mas é importante notar que seu letramento não é de usuária repetidora ou "plagiadora", porque chama atenção para o tom do discurso produzido, para a estrutura textual e nota a repetição/limitação lexical.

Análise das respostas dos estudantes.

Informante - A II – 28 anos – aluna graduanda de Ciências da Computação
Eu uso todo dia e é tipo meu estagiário. Eu pergunto em relação ao trabalho. Exemplo "me mostra uma estrutura Java que traz uma lista iterada de N itens" aí ele me dá exemplo, eu entendo e faço pro meu caso. Peço pra me explicar um método que eu não entendo, esse tipo de coisa relacionado a programação.
Uso pra fazer script de banco que eu tenho preguiça. Coloco lá "tenho as tabelas 1,2,3 com as colunas A,B,C. Me dá um *inner join* com a tabela 4 e coluna D de código 10 em SQL" aí ele me dá, eu adapto e rodo.

AII utiliza o *ChatGPT* como seu "estagiário", logo, como parceiro enunciativo, por trabalhar com tecnologia, seus (multi)letramentos atingem, inclusive, os enunciados técnicos e consegue compreender os algoritmos e selecionar as informações de acordo com o potencial da máquina, que conhece bem, utiliza para produção de conteúdos e gêneros da área como "tabelas", seus enunciados são *prompts* técnicos como "inner join" e SQL, também é uma lautora/produsuária (Burns, 2009 citado por Rojo, 2017), que assume a responsabilidade no agir-ato (Bakhtin, 2010), porém, nesse caso, assume como

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

verdadeiros os enunciados que aderem aos "*scripts* de banco" como se fossem de sua autoria, assim "o conteúdo-sentido" é gerado de forma responsável à espera de um ato responsivo por parte de terceiros, nesse caso, os sujeitos que receberão esses gêneros em seu trabalho.

Informante - AIII – 28 anos – aluno formando do Curso de Dança

Eu uso sim, gosto de só colocar em escrita as coisas que estão na minha cabeça, sem me preocupar muito com as conexões, concordância, etc. Depois jogo no chat gpt e peço para ele melhorar o texto, e dividir os principais pontos em tópicos. Eu leio, reviso e modifico. Fica muito mais claro oque eu tô argumentando a partir desse uso

- Tiro dúvidas de questões teóricas.
- Solicito dicas para coisas meu cotidiano (como recomendações de filmes - e aí detalho exatamente o que busco para assistir).
- Uso para revisão gramatical (Corrijo redações e quando não tenho certeza se a regência/crase/conjugação está correta recorro ao chat GPT).
- As vezes reviso meus estudos com ele. Nesse caso, faço algumas afirmações com o comando para que me ateste se estou certo ou errado. Caso esteja errado, ele me mostra o porquê estou equivocado.

Minha estratégia é ser o mais detalhista possível, pois ao meu ver, a linguagem natural tende a ser muito direta ao comando, logo, se eu quero algo muito específico, tenho que ser específico na mesma medida. Quando faço um comando para a IA...

Já me ocorreu de eu fazer um comando ao chat GPT sobre assuntos teóricos e ele me dispor de respostas erradas.

Meu critério é ser detalhista no comando, como disse anteriormente. As palavras-chave são a parte primordial ao meu ver, mas acho que só elas não fazem com que o resultado seja o mais preciso possível. Sendo assim, recorro aos detalhes para receber minha resposta da forma que espero. EX: Quero o enredo do filme, mas para eu me interessar nele não me basta apenas isso, pois gostaria de saber a crítica do filme e a avaliação no IMDB, então faço um comando com todas as informações e peço para que a resposta não seja em tópicos e que ao se valer da crítica, não apresente apenas a nota da crítica, mas também aspectos que justifica tal nota.

Não uso o chat gpt com frequência e, quando uso, ele nunca é a única fonte de "pesquisa". Tomo esse cuidado porque me sinto uma fraude usando essas "inteligências". Preciso amadurecer essa ideia.

Para minha pesquisa acadêmica, precisava ter acesso a um livro em espanhol que eu não encontrava em lugar algum. Pedi ao chat gpt que fizesse um texto educado e formal para que eu pudesse enviar à autora solicitando acesso ao material. Dei um toque final ao texto e enviei. A pesquisadora adorou e, muito gentilmente, me cedeu acesso a versão digital do livro. Acho que essa plataforma muito produtiva nesses casos.

Já AIII, apresenta um *agir-ato* responsável (Bakhtin, 2010) e com um nível de letramento acadêmico bastante elaborado e ideológico (Street, 2014), uma vez que entende a estrutura do gênero que deseja e testa a IA, quando afirma "Meu critério é ser detalhista" e lista esses detalhes alcançando os níveis *lexicais, sintáticos, semânticos e*

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

pragmáticos para a interação e para o produto nesse ambiente. Ele explora o que diz Maingueneau (2013) sobre os aspectos *verbais* e *digitais* dos gêneros digitais. É interessante ressaltar seu nível de letramento que o leva a expor uma suposta contradição ao dizer "Não uso o chat gpt com frequência" mais de uma vez em seu depoimento, na verdade, como enunciador/coenunciador que sabe que esse procedimento ainda não é aceito e admitido na academia, seu nível de letramento social, o leva a proteger a face, tentando amenizar o fato de que, aparentemente, usa muito e em diferentes situações e produções. (Este informante levou a pesquisa à segunda fase que é o estudo dentro dos procedimentos dentro do próprio chat, cujos resultados ainda estão em análise para trabalhos futuros).

Análises das respostas dos professores

Informante - PI – 25 anos – professora de português
Bom, eu não utilizei o chat gpt até hoje. Não tenho muito o que falar. Minhas experiências foram relacionadas à atividades realizadas por alunos, que usaram o chat GPT e copiaram as informações, achando que eu não conseguiria distinguir o discurso deles do discurso da IA.
[E você conseguiu identificar todos?]
Sim, porque eles copiaram tudo, até a parte que tinha "resposta do chat" kkkkkkkkkk
Maioria dos alunos que usavam eram do ensino fundamental 2, sétimo ano. Eles não tinham muito conhecimento de como esconder uma cópia. Maioria não sabia nem escrever palavras mais complexas do léxico e surgiam com os textos bem trabalhados.

Embora possa parecer um dado a ser excluído por PI dizer não ter usado a IA, achamos relevante destacar sua análise da situação social e comunicativa dentro de seu fazer pedagógico, por meio de seu letramento didático-pedagógico e seu letramento acadêmico, consegue perceber pelos traços estilísticos que as atividades produzidas não tinham características humanas semelhantes as usuais de seus alunos, assim, os enunciados criados não aderiram à cenografia pretendida, porque eram do *ChatGPT*, sua resposta traz como dado o não letramento digital dos alunos "do ensino fundamental, sétimo ano" por copiarem tudo, inclusive, "as respostas do chat" e leva ao questionamento: o que as escolas farão metodologicamente para se adaptarem a essa realidade?

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Afinal, o Lautor/produsuário (Burns, 2009 citado por Rojo, 2017), do "sétimo ano", embora seja nato-digital, não tem esse letramento crítico apresentado por AI, II e III. Ampliando o que dizem Lobo e Carreira (2024), embora esses *chatbots* já existissem na sociedade, as IA Generativas para uso escolar e acadêmico chamam a atenção e ainda são vistas com receio e negação, assim, mesmo que PI já esteja utilizando IA's em seu dia-dia em forma de *chatbots* de marketing, por exemplo, e, talvez já tenha utilizado o *ChatGPT*, nega, por saber que a atitude responsável e responsiva esperada do enunciador que ocupa a função social de professor deveria ser, em primeira instância, negar qualquer procedimento de possível cópia ou plágio.

Informante - PII – 38 anos – professora de Português
Sim. Usei para verificar redações de ensino médio (pegar quem usou) tb para testar diferentes formas de solicitar o serviço, por exemplo, quais palavras devo usar para tornar o resultado mais orgânico. Faço teste tb para correção ortográfica e linguística.

PII assume esse mesmo papel, porém assume também o uso do *ChatGPT* de forma profissional e de fiscalizador e controlador dos procedimentos dos alunos "para verificar redações" e ao afirmar que faz "teste tb para correção ortográfica e linguística".

É interessante salientar que um aluno que utilize a IA que tenha o nível de letramento de AII ou AIII, cujos enunciados criados pela IA aderem a sua autoria, provavelmente, não teria como ser "verificado", pois, até o momento, a memória do *ChatGPT* não é cumulativa, somente é possível quem ele reconheça sua autoria em conversas abertas, ainda assim, ele modaliza suas respostas e as apresenta em forma de percentual humano x IA. Para verificarmos e ilustrarmos isso, recortamos um parágrafo desse artigo e submetemos ao *ChatGPT* e obtivemos o exemplo abaixo, cujas características iconotextuais (Maingueneau, 2013) foram mantidas:

EXEMPLO PRODUZIDO PELAS PRODUSUÁRIAS/AUTORAS NO CHATGPT

Texto fornecido:
"A partir das condições sócio-históricas expostas na seção anterior, é fácil pensar que não adianta rechaçar a IA como ferramenta digital de uso social disponível a todos. De certo modo, o estranhamento de sua utilização no processo de ensino de leitura e escrita é natural, uma vez que se trata de algo que, aparentemente, subverte a autoria e desqualifica a presença de um

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

sujeito-aprendente de um processo crítico de leitura e escrita. No entanto, ao invés de rechaçar, entendemos que é preciso compreender as estratégias de letramento necessárias para o uso adequado da ferramenta e trazê-la para sala de aula e não apenas negá-la, pois negá-la significa subverter o lugar já instaurado dessa ferramenta que se constitui, em certa medida, em um espaço de dizer a ser compreendido e explorado."

🔍 Análise estilística:

Sinais de autoria humana:

- ✅ **Vocabulário sofisticado e acadêmico:** Expressões como "condições sócio-históricas", "sujeito-aprendente", "subverter a autoria" e "espaço de dizer" são comuns em textos teóricos, especialmente na área da educação e linguística.
- ✅ **Tons de reflexão e posicionamento crítico:** O uso de "entendemos que é preciso..." indica uma construção argumentativa com posicionamento e envolvimento do autor.
- ✅ **Construção complexa e densa:** Períodos longos, ideias encadeadas com uso de vírgulas e conectivos — algo mais característico de escrita acadêmica humana.

Possíveis traços de IA (mas fracos):

- 🟡 Um pouco de redundância ("ao invés de rechaçar... negá-la significa subverter...") pode ser algo que uma IA faria — mas também é muito comum em textos humanos densos.
- 🟡 A coerência excessiva entre as ideias pode lembrar uma IA bem treinada. No entanto, isso também pode indicar apenas um bom domínio do texto por parte do autor.

📄 Veredito:

📌 **Este texto tem fortes indícios de ter sido escrito por um humano, possivelmente com formação na área da educação, letras ou ciências humanas.**
Pode ter sido revisado por IA (para clareza ou gramática), mas **não parece ter sido originalmente gerado por IA.**

Notamos que a IA não é plenamente confiável para verificação de autoria de textos produzidos por humanos, como fez PII, mesmo assim, tenta se "vender" e estimular seu uso para o usuário-verificador, forçando "possíveis traços" à presença de redundância que, sem dúvida, é uma característica integrante do texto criado por IA, dizendo ainda que pode ter sido feito por uma IA "bem treinada" e que supostamente houve revisão do texto. No entanto, esse treinamento ainda está em processo, conforme demonstramos na primeira seção desse artigo.

Assim, observamos que o nível de *letramento digital* de lautores e produsuários intervém diretamente na ação de uso do ambiente para produção de enunciados e, ao interagir com o "sujeito IA" forma-se uma cena de enunciação em que enunciadores e

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

coenunciadores são submetidos aos algoritmo, a autoria é sublimada e enunciados aderem aos gêneros solicitados em comandos/*prompts*, cuja qualidade varia de acordo com o nível de letramento digital.

5. Considerações finais

É fato que o uso de IA envolve infinitas questões (éticas, discursivas, socioeconômicas, sociais, educacionais e muitas outras) que vem sendo discutidas na academia e nos âmbitos educacionais, no entanto, fingir que o uso inexiste seria, no mínimo, hipocrisia. Por isso, essa pesquisa (ainda em andamento) tenta entender os usos na produção de gêneros discursivos demandados aos estudantes para, assim, pensarmos em ações pedagógicas que não sejam apenas punitivas e paliativas.

Nessa análise, focamos na percepção dos níveis de letramentos dos lautores/produsuários (Rojo, 2017) e nas intersubjetividades do ato-agir em suas características responsivas e responsáveis com um primeiro movimento hipotético de que há enunciados aderentes dentro desses produtos.

A análise demonstrou que quanto maior os conhecimentos prévios e digitais dos sujeitos, aparentemente, maior seu nível de letramento digital para o uso da IA's para produção de gêneros discursivos em geral e é nesse aspecto que a autoria é sublimada e os plágios ou sombreamentos de enunciados aderentes podem ocorrer, conforme demonstrado pela análise dos depoimentos dos informantes.

Relembrando Chartier (1997), quando se refere à cultura digital e as transformações que os leitores fazem como "navegadores errantes", urge agregar a elas a ressignificação do processo de escrita e autoria nesse âmbito, porque surgiu um "navegador intruso que já entra se sobrepondo como 'capitão' (IA) que capturam enunciados alheios e invadem seus territórios como 'piratas errantes'" e, se os usuários não se derem conta disso, inclusive, não perceberão que há a terceirização epistemológica para a IA sem crítica e sem consciência de sua presença.

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Os dados revelaram que o uso do *ChatGPT* é uma realidade e que o nível de (multi)letramentos intervém nos resultados finais e na forma como os sujeitos interagem com a IA, a máquina e seus algoritmos.

Os resultados apontam para uma realidade acadêmica possivelmente irreversível e também para inúmeras possibilidades de ampliação das análises e dos estudos sobre esse uso tais como: autoria, topologia discursiva (paratopia e mimotopia), enunciados aderentes, os procedimentos dos usuários, os letramentos de usuários e a relação máquina x algoritmos x enunciados x enunciadores x subjetividades entre outros.

Por fim, cabe ressaltar que essa pesquisa, que faz parte de um dos braços do Projeto DICE em Rede, ainda está em desenvolvimento, portanto, essa é apenas uma análise parcial do primeiro *corpus* constituído. Atualmente, já estamos analisando os procedimentos dos usuários e as respostas como conteúdo-sentido e enunciado aderente no *ChatGPT* nas relações enunciativo-interativas, por isso, esses resultados são ainda parciais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do Ato Responsável.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 140 p.

BRUNS, A. *From Prosumer to Produser: Understanding User-Led Content Creation.* In: Transforming Audiences 2009, 3-4 Sep, London, 2009. Disponivel em: http://eprints.qut.edu.au/27370/. Acesso em: 24/01/2017.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: Do leitor ao navegador.* São Paulo, SP: Editora da UNESP/Imprensa Oficial, 1997(1977).

CARVALHO, K. R. S. A; JÚNIOR, C. F. C. *Chatbot: uma visão geral sobre aplicações inteligentes.* Revista Sítio Novo. Vol. 2, n. 2, jul./dez. 2018 - ISSN 2594-7036. DOI: http://dx.doi.org/10.47236/2594-7036.2018.v2.i2.68-84p

CASSOL, D. *Quais os impactos do ChatGPT e da Inteligência Artificial na Educação.* Seção Notícias. Instituto Federal de Santa Catarina. 28. Fev. 2023. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/quais-os-impactos-do-chatgpt-e-da-inteligencia-artificial-na-educacao-. Acesso em 07. Dez. 2024.

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

LIMA, J. *Como o ChatGPT afeta a educação e o desenvolvimento universitário.* The Trends Hub, n 3, 2023. DOI: https://doi.org/10.34630/tth.vi3.5020

LOBO, C. e CARREIRA, R. *CHATBOT: um desafio na educação contemporânea.* In: DAMASCENO-MORAIS, R, FARIA, E. e JÚNIOR, P.A.V. (Orgs) PesquisaViva em estudos linguísticos [livro eletrônico]. Goiânia, Go: CEGRAF/UFG, 2024.

MAINGUENEAU, D. *Enunciado Aderente e Corpo Político.* In: CARREIRA, R.A.R., OLIVEIRA, W. F. de e RODRIGUES, L. C. A. (Orgs.) [livro eletrônico]. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2025. [Trad. Lago, N.A. do e Porto, L. V.]

PAVEAU, M. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas.* São Paulo: Pontes, 2021.

STREET, B. *Letramentos Sociais. Abordagens Críticas do Letramento no Desenvolvimento, na Etnografia e na Educação.* São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, B. *Autonomous and ideological models of literacy: approaches of New Literacy Studies*. Journal of Research in Reading. 16(2), 81-97, University of Sussex. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/559942338/Street-The-new-literacy-studies-guest-editorial. Acesso em: 09 jun 2025.

STRYKER, C. e KAVLAKOGLU, E. *What is AI?* Disponível em: https://www.ibm.com/think/topics/artificial-intelligence. Acesso em: 9 jun. 2025.
ROJO, R.H.R. *Entre plataformas, odas e prototipos: novos multiletramentos em tempos de web2 times.* Between Platforms, ODAs and Prototypes: New multiliteracies in WEB2 timeshe ESPecialist: Descric;ii,o, Ensino e Aprendizagem, Vol. 38 No. 1 Jan-Jul 2017 In: https://revistas.pucsp.br/esp ©The ESPecialist. Acesso em: 07 set. 2023.

ROJO, R. H. R. *Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola.* In: Rojo, R.H. R.; Moura, E. (Orgs.) Multiletramentos na Escola. SP: Parabola, 2012, pp. 11-32.